REVISTA DIÁLOGOS MEDITERRÂNICOS

ISSN: 2237-6585

O novo manto do imperador: a globalidade do comércio de peles na Eurásia pré-moderna.

The Emperor's New Mantle: The Globality of the Fur Trade in Premodern Eurasia.

Matheus Mazurkievicz Sekikawa[1]

Otávio Luiz Vieira Pinto[2]

Victor Gava Kamigashima[3]

Resumo: Este artigo analisa a circulação das peles de zibelina na Eurásia pré-moderna e seu papel na formação de redes de longa distância anteriores e paralelas às Rotas da Seda. Articulando a discussão sobre sistemas-mundo pré-modernos às perspectivas de "vida social das coisas", acompanharemos a zibelina em fontes gregas, latinas, árabes, rus, mongóis e chinesas. Sustentamos, como hipótese, que seu prestígio não decorre do valor monetário nem da raridade. Ele se constrói a partir de sistemas de valor simbólico construídos nas florestas e estepes setentrionais, em que populações nômades e caçadoras foram protagonistas, o que relativiza a oposição entre centro e periferia quando se comparam as sociedades estepárias com os impérios sedentários.

Palavras-chave: Zibelina; História Global; Rotas da Seda; comércio de peles; nomadismo estepário; vida social das coisas.

Abstract: This article examines the circulation of sable furs in premodern Eurasia and their role in shaping long-distance networks that preceded and ran parallel to the Silk Roads. Combining the debate on premodern world-systems with perspectives on the "social life of things," we follow the sable through Greek, Latin, Arabic, Rus, Mongol, and Chinese sources. We hypothesize that its prestige derived neither from monetary value nor from rarity. Rather, it arose from systems of symbolic value built in the northern forests and steppes, in which nomadic and hunting

[1] Doutorando em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Paraná (PPGHIS/UFPR). Membro do Grupo de Estudos Africanos e Asiáticos (GEAFRAS). E-mail de contato: matheus.sekikawa@gmail.com

[2] Professor de História da África e da Ásia na Universidade Federal do Paraná (UFPR). Professor permanente do Programa de Pós-Graduação em História da mesma instituição. Doutor em Estudos Medievais pela *University of Leeds*. Coordenador do Grupo de Estudos Africanos e Asiáticos (GEAFRAS). E-mail de contato: otavio.luiz@ufpr.br.

[3] Doutorando em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Paraná (PPGHIS/UFPR). Membro do Grupo de Estudos Africanos e Asiáticos (GEAFRAS). E-mail de contato: victorkamigashimaa@gmail.com

populations played a leading role. This challenges the opposition between core and periphery when steppe societies are compared with sedentary empires.
Keywords: Sable; Global History; Silk Roads; Fur trade; Steppe nomadism; Social life of things.

Materialidade e Cultura nas trocas de bens de luxo.

A Rota da Seda (ou *as Rotas da Seda*) é, certamente, uma das mais famosas redes de trocas da história.[4] Tradicionalmente atribuída ao reinado do imperador Wǔdì 武帝 de Hàn 汉 (r. 141 - 87 b.C.), a Rota da Seda conectava, de forma mediada, as extremidades do continente Euroasiático possibilitando o comércio, a circulação de pessoas, ideias, bens e religiões. Mas a seda não era o único e nem foi o primeiro bem utilizado para produzir vestuário de alto valor agregado a circular através da Eurásia pré-moderna. Além do tecido que dava nome à rede, uma miríade de outros bens materiais fazia parte dessas trocas, entre eles, as peles animais, especialmente da zibelina, utilizada na confecção de roupas, casacos, capas, chapéus e mantos por todo o continente. Este artigo dará atenção para a circulação e significados do consumo da prestigiosa pele de zibelina.

David Christian propõe uma definição das *Rotas da Seda* como "as rotas terrestres de longa e média distância através das quais bens, ideias e pessoas eram trocados entre as principais regiões da Afro-Eurásia".[5] Ele apresenta essa como uma definição ainda "muito conservadora" e destaca que os principais avanços são o uso de "regiões" ao invés de "civilizações" como forma de incluir diversas formas de organização política e social que não são tradicionalmente concedidas o *status* civilizacional e o termo "trocadas" ao invés de "comercializadas" para abranger outras formas de circulação não monetária ao longo dessas rotas. A definição proposta por Christian se alia às discussões sobre as possibilidades e demandas da aplicação da ótica da História Global a contextos pré-modernos e pré-capitalistas, como discutidas por Christopher Chase-Dunn e Thomas Hall[6] e Jane Schneider.[7]

[4] PINTO, Otávio Luiz. **Rota da Seda**. São Paulo: Contexto, 2023.
[5] "…the long and middle-distance land routes by which goods, ideas, and people were exchanged between major regions of Afro-Eurasia." CHRISTIAN, David. Silk Roads or Steppe Roads? The Silk Roads in World History. **Journal of World History**, v. 11, n. 1, p. 1–26, mar. 2000. p. 3. (Tradução nossa)
[6] CHASE-DUNN, Christopher & HALL, Thomas D. Conceptualizing Core/Periphery Hierarchies. In: CHASE-DUNN, Christopher & HALL, Thomas D. (orgs.). **Core/Periphery Relations in Precapitalist Worlds**. Londres: Routledge, 1991. p. 5-44.
[7] SCHNEIDER, Jane. Was There a Precapitalist World-System? In: CHASE-DUNN, Christopher & HALL, Thomas D. (orgs.). **Core/Periphery Relations in Precapitalist Worlds**. Londres: Routledge, 1991. p. 45-66.

As discussões de Chase-Dunn, Hall e Schneider avançam o trabalho fundacional da História Global da pré-modernidade, *Before European Hegemony*, de Janet Abu-Lughod, que postulou a existência de um sistema-mundo pré-moderno cuja conectividade se materializava nas redes regionais de cidades através da Afro-eurásia: do extremo ocidente europeu, conectado pelo mediterrâneo com o pujante "coração" do sistema entre o norte da África e o Levante, que por sua vez se conectava com os centros produtivos da Índia e da China através das rotas das caravanas no norte e rotas marítimas no sul.[8] O foco nas redes de cidades supera apenas parcialmente o paradigma civilizacional denunciado por Christian: para Abu-Lughod, as redes de cidades são arquipélagos cercados por grandes áreas rurais, desérticas ou florestais que não integram diretamente o sistema-mundo.[9]

Chase-Dunn e Hall propõem modelos de conceitualizar centros, periferias e semiperiferias e as diferentes formas de relação que podem se desenvolver entre eles na análise e delimitação dos Sistemas-mundo pré-modernos. Os dois principais fatores a serem analisados nessas relações são: a diferenciação centro-periferia e a hierarquia centro-periferia; para observar se existe variedade na composição estrutural e/ou dominação política entre as sociedades que compõem o sistema.

Os autores ressaltam a necessidade de não se presumir que o "menos desenvolvido" (aspas deles) seja necessariamente explorado pelo "mais desenvolvido" e que o contrário é possível e por vezes observado. Com isso, abre-se espaço para incluir e encontrar a agência histórica de grupos nomádicos e semi-nomádicos, como pastoralistas das estepes e caçadores e coletores, não necessariamente organizados em sociedades "estatais", as "civilizações" da historiografia tradicional. Por fim, os autores destacam a possibilidade de observar como noções de superioridade e inferioridade presentes nas ideologias dos partícipes do sistema podem interagir e se transformar dentro dessa rede de relações e este será o principal caminho a ser seguido neste trabalho.

Schneider, por sua vez, avança a discussão de Chase-Dunn e Hall no sentido de contextualizar a conceitualização anterior na materialidade do mundo pré-moderno. Sua principal contribuição para este trabalho é a inclusão da circulação de bens de luxo com alto valor agregado na dinâmica dos Sistemas-mundo, defendendo o *status* sistêmico das

[8] ABU-LUGHOD, Janet. **Before European Hegemony:** The World System A.D. 1250-1350. Nova York: Oxford University Press, 1989.
[9] Ibid p. 153-183.

trocas de bens de luxo. Aqui, entram as diferentes formas de relações estabelecidas entre centros e periferias propostas por Chase-Dunn e Hall, na medida que esses bens não possuíam apenas valor monetário agregado, mas grandes — e principalmente — valores simbólicos e políticos. Dessa forma, a autora defende a circulação de bens de luxo em contextos pré-modernos e pré-capitalistas como motor sistêmico de transformação social e histórica, possibilitando a análise global dessa dinâmica nesses recortes temporais.

Sustentar que bens de luxo possuem essa dimensão imanente e transformativa demanda algum aporte teórico mais robusto. Nesse sentido, Kopytoff defende que, do ponto de vista cultural, a produção de *commodities* e produtos de alto valor agregado não é apenas um trabalho material, mas também cognitivo: "as mercadorias devem ser produzidas não apenas materialmente como coisas, mas também culturalmente marcadas como sendo um certo tipo de coisa. De toda a gama de coisas disponíveis numa sociedade, apenas algumas são consideradas adequadas para serem marcadas como mercadorias"[10]. Em consonância com essa percepção, Arjun Appadurai busca retirar o termo "mercadoria" de uma discussão da economia política moderna e expandi-lo para, de modo contingente, "qualquer coisa destinada à troca"[11]. No decorrer de seu argumento, Appadurai destaca como mercadorias de luxo respondem à necessidades eminentemente políticas, cujo consumo é sempre situado em uma sociedade e cumpre um papel retórico e a demanda, antes de uma resposta mecânica, corresponde os mecanismos de controle de acesso à mercadoria[12].

Kopytoff adiciona, ainda, uma camada ulterior de complexidade para que possamos dimensionar mercadorias (aqui, especialmente os bens de luxo) enquanto dispositivos culturais e simbólicos: ele propõe uma "análise biográfica do objeto". Tomando como ponto de partida sua pesquisa com a escravização (e commodificação) de seres humanos, ele passar a inverter sua lógica de análise (de humano como objeto para objeto como humano) e defende que perguntas biográficas também podem ser feitas para objetos: de onde vem a coisa e quem a fez? Qual foi a sua trajetória até agora e qual é a trajetória ideal para coisas deste tipo, na opinião das pessoas? Essas perguntas permitem

[10] KOPYTOFF, Igor. The cultural biography of things, commoditization as process. In: APPADURAI, Arjun (ed.). **The Social Life of Things:** Commodities in Cultural Perspective. Cambridge: Cambridge University Press, 2013, p. 64.
[11] APPADURAI, Arjun. Introdução: mercadorias e a política de valor. In: _____. (ed.) **A Vida Social das Coisas**: as mercadorias sob uma perspectiva cultural. Niterói: Eduff, 2021, p.21
[12] Ibid, p.52-54

notar que há uma gama de valores culturais presentes em mercadorias, desde aqueles imbuídos em sua feitura até aqueles adquiridos após a sua compra e uso por uma sociedade distante. Assim, "uma biografia econômica culturalmente informada de um objeto iria considerá-lo como uma entidade culturalmente construída, dotada de significados culturalmente específicos e classificada e reclassificada em categorias culturalmente constituídas"[13].

Tomando de empréstimo estas perspectivas teóricas, retornamos às peles de zibelina e aos grupos que por séculos buscaram e distribuíram incansavelmente esse produto através de mercados euroasiáticos de norte a sul e de leste a oeste. A zibelina, *Martes zibellina*, é um pequeno mamífero onívoro nativo das florestas setentrionais da Eurásia, da Sibéria ao norte do Japão. Pertence à família *Mustelidae*, assim como lontras, e ao gênero *martes*, como fuinhas, furões e outras martas e tem aparência e modo de vida mais próximos desses últimos. As zibelinas medem cerca de 50 centímetros de comprimento, com aproximadamente 10 de cauda e pesam por volta de 1.5 kg e sua conservação atualmente é considerada de menor preocupação pela Lista Vermelha da *International Union for Conservation of Nature*, principalmente devido a esforços de recuperação de suas populações a partir de meados do século XX.[14] A pelagem da zibelina é a mais lustrosa entre os membros do gênero e, na modernidade europeia, seu uso foi regulado na Inglaterra ao ponto de se tornar uma demonstração de nobreza em *Hamlet*, além de ter sido o material da coroa imperial russa até o século XVII.[15]

Podemos ir além. A pele de mustelídeos como a zibelina como bem de luxo é praticamente tão antiga quanto as fontes escritas que dispomos para analisar: itens confeccionados com pelagens raras já se destacam nos clássicos gregos. A *Ilíada* ressalta repetidamente o chapéu de marta (ou elmo de furão dependendo da tradução), κτιδέη κυνέη, usado por Dólon, filho do rico arauto troiano Eumedes.[16] Heródoto, nas *Histórias*, menciona, ainda que sem especificar a espécie, peles oferecidas como prêmios em competições esportivas egípcias, além da obtenção e uso decorativo de peles de "lontras,

[13] KOPYTOFF, Igor. *Op. cit.*, p. 68.
[14] INTERNATIONAL UNION FOR CONSERVATION OF NATURE (IUCN). **Martes zibellina**: The IUCN Red List of Threatened Species 2016. Gland: IUCN, 2016. Disponível em: iucnredlist.org.
[15] RAST-EICHER, Antoinette. **Fibres**: microscopy of archaeological textiles and furs. Budapest: Archaeolingua, 2016. p. 189.
[16] HOMERO. **Ilíada**. Tradução de Werner Christian. São Paulo: SESI-SP Editora, 2020. X, 335 e 455; HOMÈRE; LATTIMORE, Richmond; MARTIN, Richard P. **The Iliad of Homer.** 2nd ed. Chicago London: University of Chicago press, 2011. p. 245 e 248.

castores (...), e também uma criatura de rosto quadrado [provavelmente a zibelina ou outra espécie de marta] cuja pele eles costuram como ornamentação em seus agasalhos" pelos budínios, que viviam nas florestas ao norte dos citas nas regiões que hoje formam o oeste russo e o norte da Ucrânia.[17]

Mesmo não sendo claramente a zibelina mencionada nesses casos, a circulação e proeminência de vestimentas e ornamentos produzidos com peles de animais, no mínimo relacionados a ela, é um mero sinal do que está por vir. Nos séculos subsequentes, as menções diretas ou indiretas à pele de zibelina como um produto de luxo através da Eurásia, da Escandinávia à Manchúria, da Sibéria a Bagdá, deixam claro o valor simbólico, político e cultural carregado entre as fibras do pelo desse pequeno mamífero. Podemos notar, como veremos adiante, que a presença documental da zibelina é fragmentária e dispersa, mas abundante. Muitas vezes restrita a breves menções em relatos de viajantes ou fibras orgânicas encontradas em túmulos, certamente foi importante o suficiente para ser registrada quando observada e levada para o além como bem funerário.

O presente artigo tem, portanto, o objetivo de analisar o papel das peles de zibelina nas redes políticas e diplomáticas globais pré-modernas formadas através das conexões materializadas pelas Rotas da Seda através do continente eurasiático. A proposta não é um estudo quantitativo aos moldes da História Econômica para compreender os volumes de produção e distribuição desse bem, mas sim uma qualitativa dos potenciais históricos de transformação e reprodução social associados a esse item nos diferentes contextos em que ele é encontrado e elucidar as redes de contato e conectividade de longa distância construídas ao redor dele.

As peles de zibelina eram extraídas por populações que viviam nas zonas de floresta do norte da Eurásia, especialmente nas regiões que hoje compõem a Rússia. Em um primeiro momento, esses grupos eram majoritariamente caçadores e coletores semi-nomádicos. As evidências materiais e textuais indicam que as peles eram então adquiridas por grupos diversos, que davam partida em uma cadeia de distribuição que as espalhava através do continente. Com o tempo, o valor agregado dessas peles levou alguns desses grupos a se organizarem cada vez mais em torno desse comércio, instalando-se nas

[17] HERODOTUS. **Oxford World's Classics: Herodotus: The Histories**: Oxford University Press, 1998. p. 128 e 271. Tradução nossa.

proximidades dessas regiões para estabelecer uma relação mais direta com os caçadores ou obter diretamente as peles.

Sociedades como os khazares e os búlgaros do Volga vão coletar a zibelina como principal tributo das populações que habitam essas regiões e os primeiros assentamentos escandinavos do que veio a se tornar a sociedade rus tinham como objetivo trocar miçangas fabricadas localmente nos lagos e rios do norte da atual Rússia pelas peles coletadas por caçadores da região. Através dos séculos, viajantes muçulmanos de diferentes origens que visitaram a região observaram a proeminência dessas peles nas sociedades localizadas ali, histórias épicas foram contadas ao redor de peças confeccionadas com zibelina e, por milhares de anos e quilômetros, esses bens foram sinal de prestígio social e político.

Os Caminhos Traçados: A Rota da Seda e as rotas antes da Rota da Seda.

O papel estruturante da Rota da Seda (ou, como vimos, das *Rotas da Seda*) para o comércio de longa distância em períodos pré-modernos é indubitável. Sua potência de sociabilidade foi notada já no século XIX, quando o geógrafo Ferdinand von Richthofen cunhou o termo *Seidenstrasse* ("Rota da Seda" em alemão), buscado identificar o caminho – não apenas geográfico, mas também histórico – que ligava o mundo mediterrânico ao dito "Oriente"[18]. Durante os séculos XX e XXI, historiadores flexibilizaram a ideia de conexão direta entre o mundo ocidental e a Ásia, focando em processos históricos que permitiram contatos mais indiretos e mediados entre a China imperial e as diferentes sociedades da Ásia Central, que atuavam como agentes mercadores e facilitadores do movimento de mercadorias entre vastas e variadas regiões[19].

Um efeito esperado, mas não necessariamente planejado, dessas mudanças de foco foi o aumento da centralidade historiográfica chinesa na formalização de rotas comerciais específicas. Vimos, anteriormente, que Wǔdì de Hàn (por meio de seu embaixador Zhāng Qiān 张骞) é tido como o idealizador dos contato sino-asiáticos que abrem espaço para a troca de seda e outros produtos, fazendo com que a "Rota da Seda enquanto processo" seja entendida como uma iniciativa eminentemente imperial. A importância e proeminência desse eixo central "imperial" da Rota da Seda, contudo, não prescinde do

[18] PINTO, Otávio Luiz. *Op. cit.,* p. 33.
[19] CHIN, Tamara. The Invention of the Silk Road, 1877. **Critical Inquiry**, v. 40, n. 1, 2013, p. 194–219.

estudo de processos que a precederam ou coexistiram paralelamente e através dela ao longo dos séculos. Muito antes das viagens ocidentais de Zhāng Qiān e a "descoberta" chinesa da Ásia Central e do sudoeste asiático, pessoas, bens, ideias e tecnologias já circulavam através da Eurásia pelos oásis do corredor de Gansu (*Héxī* 河西) ou pelas longas planícies das estepes ao norte. Tendo em vista a distribuição das peles de zibelina e sua origem setentrional, daremos maior atenção a esses processos mais ao norte.

As estepes euroasiáticas representam uma longa faixa de clima frio e seco que se estende aproximadamente da Manchúria à Hungria, formada quase ininterruptamente por grandes planícies cobertas por vegetação rasteira. Historicamente, essas regiões foram, e ainda são majoritariamente habitadas por nômades pastoralistas, que desenvolveram essa forma de vida e organização social e política entre o segundo e primeiro milênios a.C. conforme o clima da região passava por um ressecamento e os rendimentos agrícolas diminuíam.[20]

O nomadismo pastoralista das estepes se forma não só como uma atividade econômica de subsistência, mas como uma forma de organização social, cultural e política que pode ser compreendida pela ótica da Cultura Política Nômade. Essa cultura política pode ser encontrada de forma relativamente homogênea em suas expressões através da estepe ao longo do tempo. Os principais pesquisadores do tema compreendem esse fenômeno como resultado de desenvolvimentos convergentes e principalmente pelo intenso contato possibilitado pela mobilidade dessas sociedades.[21]

As mesmas análises que atestam essa "homogeneidade" também evidenciam o início e crescimento das redes de contato, trocas e circulação de bens, pessoas, ideias e tecnologias através do continente euroasiático. Shelach-Lavi,[22] Khazanov[23] e

[20] KHAZANOV, Anatoly M. **Nomads and the outside world.** 2nd ed. Madison: University of Wisconsin Press, 1994.
[21] Para uma abordagem mais detalhada *cf.* KAMIGASHIMA, Victor G. **A Cultura Política Nômade Na Região Ponto-Balto-Cáspia. Da Presença Rus À Instalação Da Horda Dourada.** Orientador: Otávio Luiz Vieira Pinto, 2024. 196 p. Dissertação (Mestrado em História) - PPGHis, UFPR, Curitiba, 2024. p. 107-116.
[22] SHELACH-LAVI, Gideon. Steppe Land Interactions and Their Effects on Chinese Cultures during the Second and Early First Millennia BCE. In: AMITAI-PREISS, Reuven; BIRAN, Michal. **Nomads as agents of cultural change: the Mongols and their Eurasian predecessors**. Honolulu: University of Hawai'i Press, 2015.
[23] KHAZANOV, Anatoly M. The Scythians and Their Neighbours. In: AMITAI, Reuven; BIRAN, Michal. (Org.). **Nomads as agents of cultural change: the Mongols and their Eurasian predecessors.** Honolulu: University of Hawai'i Press, 2015.

Honeychurch[24] observam, em diferentes recortes geográficos e temporais, uma economia política nômade formada ao redor da circulação de bens de luxo valorizados pelo valor simbólico e prestígio político que carregam consigo. Shelach-Lavi regressa à virada entre o segundo e o primeiro milênio a.C. e identifica uma via de mão dupla nos contatos entre as zonas ecológicas nômade e sedentária do norte da China. Através, entre outros exemplos, da introdução das bigas na China Shāng 商 via estepe, e de cerâmicas chinesas na estepe, ele indica o valor de distinção de elites associado a bens de luxo de origem estrangeira, enquanto artefatos de bronze no característico "estilo animal" das estepes são encontrados em todos os extratos da sociedade nômade.[25]

Khazanov, por outro lado, tem como foco a relação estabelecida entre a confederação Cita e o mundo helenístico através das cidades gregas do litoral do Mar Negro a partir do século VI a.C.. Ele encontra um longo e intenso contato entre as duas sociedades evidenciado, por exemplo, na produção grega de cerâmicas e bronzes na estética preferencial das estepes e produção cita de bens de luxo de influência grega como espelhos para serem redistribuídos Eurásia adentro, para muito além dos limites do alcance político cita.[26].

Honeychurch retorna para o leste, mas acompanha a cronologia de Khazanov ao analisar o contexto da confederação xiōngnú 匈奴 em seu contato com a China Hàn e a Ásia Central entre os séculos III e I a.C. Honeychurch identifica uma complexa rede de trocas de longa distância centralizada pela elite xiōngnú que obtinha bens de alto valor agregado de produção chinesa e não só os utilizava como ferramentas de legitimação e reprodução do poder político de forma interna à confederação mas também como formas de cimentar alianças e relações diplomáticas com as sociedades nômades e sedentárias da Ásia Central externas à sua égide política. Ao mesmo tempo, bens de origem ocidental e das zonas de floresta setentrional que atravessavam essa rede xiōngnú eram vendidos por altos valores a mercadores nas fronteiras com a China.[27]

A articulação dessas três análises reforça um cenário de alta conectividade e contato euroasiáticos já existentes e estabelecidos nos séculos que precedem a fundação

[24] HONEYCHURCH, William. From Steppe Roads to Silk Roads: Inner Asian Nomads and Early Interregional Exchange. In: AMITAI, Reuven; BIRAN, Michal. (Org.). **Nomads as agents of cultural change: the Mongols and their Eurasian predecessors.** Honolulu: University of Hawai'i Press, 2015.
[25] SHELACH-LAVI, Gideon. *Op Cit*, 2015. p. 24 - 27.
[26] KHAZANOV, Anatoly M. *Op Cit*, 2015. p. 39 - 42
[27] HONEYCHURCH, William. *Op Cit*, 2015. p. 55 - 58

da Rota da Seda Hàn. Sobre os contatos analisados, Shelach-Lavi defende a existência de uma "polinização cruzada" cultural em que não há um lado passivo que apenas recebe influências culturais e tecnológicas externas, mas todas as partes recebem, transformam e repassam influências reciprocamente. É justamente a partir dessa estrutura que a rede chinesa de comércio será construída e existirá conjuntamente nos séculos subsequentes. Não só isso, é possível identificar a agência histórica e o protagonismo das populações nômades estepárias na construção dessa rede de contatos e sistemas de valor, como bem coloca Honeychurch:

> (...) a economia política dos xiōngnú não apenas conectou diferentes sistemas de valor, mas graças ao seu exemplo político e uso de certos materiais para representar liderança e *status* político, eles provavelmente ajudaram a criar esses sistemas também. Em outras palavras, o desejo ocidental por materiais e bens orientais foi originalmente cultivado através de um modelo xiōngnú de prestígio político simbolizado por esses mesmos bens. (Tradução nossa)[28]

Fica também evidente que, em contextos de alta agregação política, como no caso das grandes confederações nômades como citas e xiōngnú, a intensidade e a velocidade que esses contatos atravessavam as distâncias eram potencializadas. Mas em nenhum momento, a existência dessas confederações se faz um pré-requisito para que os contatos tenham sido feitos ou as distâncias vencidas. Honeychurch defende a proeminência de um sistema de *trocas em cadeia*[29] em que o volume de bens diminui ao longo do caminho mas possibilita a troca através de longas distâncias e Christian[30] argumenta que essas rotas capilarizadas transversais precederam em séculos o advento de grandes rotas arteriais.

Os artefatos que protagonizam as análises mencionadas acima são em sua maioria peças de bronze e cerâmica que sobrevivem com mais facilidade os séculos e os elementos e permitiram essas atestar a existência dessas redes através da Eurásia séculos antes da formação da Rota da Seda "oficial", bem como nos possibilitam a ótica que reconhece a centralidade da agência nômade estepária nesses processos. Isso estabelecido, podemos nos voltar para outros bens que também certamente circulavam por essas redes mas não deixaram um rastro arqueológico tão vasto, nominalmente, as peles de zibelina.

[28] Ibid. p. 58
[29] Tradução livre do conceito de *down-the-line exchange*. HONEYCHURCH, William. *Op Cit*, 2015. p. 52.
[30] CHRISTIAN, David. *Op Cit*, p. 9-11.

Apesar de por vezes ser encontrada no registro material,[31] é em sua ampla presença na documentação textual que a zibelina se destaca para o presente trabalho. Como indicado anteriormente, temos como meta avaliar o potencial de reprodução e transformação social das peles de zibelina como bem de luxo e seu papel na construção e consolidação de redes de contato global pré-modernas.

Mercados Ocidentais: Peles azuis como safira do norte distante

Na Eurásia ocidental, sob a antiguidade greco-romana, vestes confeccionadas com produtos de origem animal, inicialmente parecem ter carregado uma conotação negativa, como na descrição que Tácito faz dos povos que viviam ao norte, que "comem plantas selvagens, vestem-se em peles [*vestitui pelles*] e dormem no chão."[32] Mas essa associação era primariamente feita em relação às peles de animais domesticados ou caçados por subsistência. Ainda assim, peles de maior qualidade e raridade já possuíam seu lugar de prestígio no período clássico.

Na Antiguidade Tardia, talvez a mais notável menção à circulação de peles de origem setentrional como bens de luxo sejam as peles "azuis como safira" (*sappherinas pelles*) mencionadas por Jordanes na *Getica* no século VI.[33] A definição curiosa utilizada pelo historiador hérulo[34] faz referência ao tom de preto tão brilhante que parecia azul. Esforços iniciais para identificar o animal provedor dessas peles apontavam para raposas pretas, zibelinas ou esquilos.[35] Franklin e Shepard[36] associam as pelagens diretamente à zibelina, enquanto Zachrisson[37] dá preferência para a raposa ártica, ainda que nenhuma dessas hipóteses tenha sua discussão aprofundada. É nossa compreensão que não há indícios para acreditar que Jordanes se referia a um animal em específico, mas sim às qualidades singulares das pelagens de origem setentrional de modo geral. Martas (como

[31] RAST-EICHER, Antoinette. *Op Cit*, 2016. p. 189.
[32] TACITUS, Publius Cornelius. **Agricola and Germania.** London: Penguin Books, 2009, ger. 46.
[33] JORDANES. **Romana and Getica.** Liverpool: Liverpool University Press, 2020, p. 230.
[34] PINTO, Otávio Luiz Vieira. As if from this People I traced my Origin: Hypotheses on the life of Jordanes. **Calamus**, n. 1, 2017, p. 197-222.
[35] WAGNER, Norbert. Die Wolfsinseln bei Jordanes: Eine Station auf einer Pelzhandelsroute des frühen 6. Jahrhunderts? **Zeitschrift für deutsches Altertum und deutsche Literatur,** v. 103, n. 2, p. 73–80, 1974. p. 79.
[36] FRANKLIN, Simon; SHEPARD, Jonathan. **The emergence of Rus, 750-1200**. London ; New York: Longman, 1996. p. 7
[37] ZACHRISSON, Torun. Fjärran Ting: Exotiska Foremal Och Nya Seder Under Mellersta Jarnaldern. *In*: ANDRÉN, Anders (Ed.). **Formodern Globalitet: Essaer Om Rorelse, Moten Och Fjarran Ting Under 10.000 Ar**. Riga: Nordic Academic Press, 2011. p. 125 - 127.

as zibelinas) e arminhos (também mustelídeos), além de esquilos, castores e até linces frequentemente figuram entre as peles mais valiosas ao lado da zibelina.

Franklin e Shepard destacam ainda que, em nenhum momento, Jordanes afirma, ou deve-se inferir a partir dele, que as peles eram fornecidas pelos suíones diretamente aos romanos, mas fica evidente que ao menos uma rede de contatos indiretos existia. Sobre esses suíones, Jordanes conclui sua observação afirmando que "apesar de viverem na pobreza, eles se vestem ricamente"[38], ainda em referência às pelagens. A importância do relato de Jordanes, portanto, não se faz na especificidade da zibelina, mas no destaque perceptivelmente associado à circulação dessas pelagens e aos produtos confeccionados com elas e à antiguidade da evidência textual das redes nas quais essas peles circulavam no ocidente.

Se em Jordanes já é possível perceber essa rede de trocas de longa distância, originada no extremo norte eurasiático, que se deslocava até os mercados mediterrânicos na qual o mais notável produto eram peles de animais "azul-safira", na formação da sociedade rus que viria a originar a Rus de Kiev essa rede fica mais evidente e se torna cada vez mais direta. Em seus primeiros momentos, o que chamamos de "sociedade rus" pode ser compreendida em grupos de comerciantes escandinavos que circulavam no norte do que hoje é a Rússia europeia sem necessariamente uma organização política centralizada. Gradativamente, esses comerciantes se instalaram na região e desenvolveram contatos mais profundos com populações locais.

Os primeiros assentamentos escandinavos na região, a partir de meados do século VIII, tinham como objetivo o contato com as populações fino-úgricas fornecedoras primárias das peles luxuosas do norte. Dentre esses, a Velha Ladoga (Старая Ладога, *Staraya Ladoga*), nas margens do rio Volkov, servia como um centro de produção artesanal e posto comercial onde miçangas de vidro e âmbar e artefatos de bronze eram produzidos para serem trocados pelas peles.[39] Inicialmente, o comércio escandinavo parece ter sido voltado para os mercados dos reinos franco e anglo-saxões e se redirecionado para os mercados mediterrânicos conforme o contato com esses espaços se tornou mais direto.[40] Assim, é possível afirmar que a busca por peles como a da zibelina

[38] JORDANES. *Op Cit*, 2020. p. 230
[39] FRANKLIN, Simon; SHEPARD, Jonathan. *Op Cit*, 1997. p. 20 - 24.
[40] DUCZKO, Wladyslaw. **Viking Rus:** studies on the presence of Scandinavians in Eastern Europe. Leiden ; Boston: Brill, 2004. p. 60 - 114; KATONA, Csete. **Co-operation between the Viking Rus' and the Turkic**

foi um dos motores para a crescente presença escandinava na região que, a partir do contato com populações locais bálticas e fino-úgricas e depois eslavas, deu origem à sociedade rus que posteriormente se instalou em Kiev.

Nos mercados ocidentais que recebiam esses produtos, já podemos encontrar evidências de seu destaque. Veale inicia seu trabalho de análise do comércio de peles na Inglaterra medieval com duas anedotas cuja lição de moral era lembrar a nobreza da importância das roupas de peles. De acordo com a autora, as peles de zibelina e arminho (outro mustelídeo) estavam entre as mais caras que eram comercializadas na Inglaterra entre os séculos XII e XIII.[41] O trabalho contempla o surgimento de uma indústria voltada para a fabricação de roupas com essas peles, passa pelas legislações que regulamentavam o seu uso, como as leis suntuárias do século XIV que ditavam as peles que cada camada social poderia usar, com animais como a zibelina restritos aos mais altos estamentos e segue analisando essa indústria, comércio e moda até a entrada da modernidade. Mesmo observadores contemporâneos parecem ter se surpreendido com a importância dada às vestimentas de peles raras. Adam de Bremen, no século XI, comentou que "por bem ou por mal, ofegamos por vestes de peles de marta [*vestem marturinam*] tanto quanto pela felicidade suprema".[42]

Ainda no século X, no manual de governo bizantino *De Administrando Imperio* de Constantino VII, o imperador descreve as complexas relações entre os povos do norte do Mar Negro e a coleta de tributos realizada pelos rus entre os povos eslavos no caminho para Constantinopla.[43] Enquanto o texto não lista o que eram esses tributos, Androshchuk destaca a demanda bizantina por mel e cera de abelha, grãos e peles raras.[44] Entre os documentos textuais rus, a Crônica Primária (ou Повѣсть времяньныхъ лѣтъ, *Povĕst' vremjan'nykh lĕt*, "Narrativa dos anos temporais") repetidamente associa a coleta de "mel, cera, peles e escravos" como tributos e riquezas do reino rus e a entrega desses

nomads of the steppe in the ninth-eleventh centuries. Orientador József Laszlovszky. 2018. Dissertação (Mestrado em Estudos Medievais) — Central European University, Budapest, 2018. p. 11-30.

[41] VEALE, Elspeth. **The English fur trade in the later Middle Ages.** Oxford: Clarendon Press, 1966. p. 17-23.

[42] BREMEN, Adam of. **History of the Archbishops of Hamburg-Bremen**. Tradução e Introdução: Francis J. Tschan. New York: Columbia University Press, 1959. p. 199.

[43] CONSTANTINE. **De administrando imperio.** Trad. Romilly James Heald Jenkins. Washington, DC: Dumbarton Oaks Center for Byzantine Studies, 1967. p. 57 - 63.

[44] ANDROSHCHUK, Fedir. What does material evidence tell us? In: ANDROSHCHUK, Fedir; SHEPARD, Jonathan; WHITE, Monica (ORGS.). **Byzantium and the Viking world**. Uppsala: Uppsala Universitet, 2016. p. 101.

mesmos produtos como presentes para o imperador bizantino no século X.[45] Algumas vezes, peles de marta são especificamente mencionadas como tributos, presentes ou riquezas saqueadas[46] e uma passagem do século XV da Crônica de Novgorod menciona nominalmente a tomada de peles de esquilos e de zibelina pelos homens de Novgorod após uma campanha punitiva contra a cidade de Ustyug, localizada cerca de 900 quilômetros ao leste da atual São Petersburgo, distante dos principais centros urbanos rus já muito dentro da zona de florestas onde as peles eram coletadas.[47]

Enquanto os rios Don e Dnieper formavam as rotas rus para o Mar Negro em direção a Constantinopla e ao mundo bizantino, o Volga conectava esses comerciantes ao Mar Cáspio e servia como porta de entrada para o mundo muçulmano. Em meados do século IX, de acordo com Hraundal,[48] os rus começam a aparecer pelas primeiras vezes nas fontes islâmicas já como comerciantes com amplo acesso aos mercados khazares, árabes e bizantinos. Não acessamos esses textos para explorar a presença nominal da zibelina, mas no início do século seguinte, no relato de sua viagem ao reino búlgaro do Médio Volga, o jurista muçulmano Ibn Faḍlān ابن فضلان descreve os costumes dos comerciantes rus que encontra pelo caminho e menciona duas vezes a zibelina entre suas posses e bens para trocas:

> Eles desembarcam assim que seus barcos aportam. Cada um carrega carne, cebolas, leite e álcool até um grande bloco de madeira colocado no chão. A peça de madeira tem um rosto nela, o rosto de um homem. (...) Ele se prostra diante da grande figura e diz "Senhor, eu vim de uma terra distante com tal e tal número de escravas mulheres e tal e tal número de peles de zibelina [من السَّمّور كذا وكذا جلدًا, *min as-sammūr kaḏā wa-kaḏā ǧildan*]." Ele lista toda sua mercadoria.[49]

Na outra ocasião, Ibn Faḍlān menciona um chapéu de seda adornado com pelagem de zibelina entre as vestimentas de um líder rus em seu ritual funerário. Além desse chapéu, o morto também vestia um caftan de seda com botões de ouro.[50] Em outras

[45] CROSS, Samuel Hazzard. SHERBOWITZ-WETZOR, Olgerd P. **The Russian Primary Chronicle**: Laurentian Text. Cambridge: The Mediaeval Academy of America, 1953. p. 77; 81; 83; 86.
[46] Ibid. p. 61; 93; 121; 148.
[47] THE CHRONICLE of Novgorod, 1016-1471. Traduzida do russo para o inglês por Robert Michell e Nevill Forbes, com a introdução por Charles Raymond Beazley e uma apresentação do texto por Alexei Alexandrovich Shakhmatov. Londres: Offices of the Society, 1914. p. 192.
[48] HRAUNDAL, Thorir Jonsson. **The Rus in Arabic Sources:** Cultural Contacts and Identity. Orientador: Ildar H. Garipzanov. Tese (Doutorado em Estudos Medievais) University of Bergen, Bergen, 2013. p. 54 - 70.
[49] IBN FAḌLĀN, Aḥmad; MONTGOMERY, James E.; KENNEDY, Philip F.; et al. **Mission to the Volga.** New York: New York University Press, 2017. par. 77.
[50] Ibid, par 83.

passagens, o jurista também ressalta a coleta de peles de zibelina (جلود السمّور, *julūd al-sammūr*) como tributos pelos khazares e búlgaros do Volga, mas esses casos serão analisados na seção sobre o espaço das estepes.

Novamente, tal qual em Jordanes, não há indícios para acreditar que a zibelina era a única das peles comercializadas por esses viajantes, mas o destaque concedido a ela já indica seu valor agregado entre as peles comercializadas como bens de luxo. Além de Ibn Faḍlān, as peles desse mesmo animal aparecem consistentemente entre os relatos de viajantes e trabalhos de geógrafos árabes do período. Ibn Rusta ابن رسته,[51] alguns anos antes de Ibn Faḍlān, al-Masʿūdī المسعودي,[52] algumas décadas depois, e Ibn al-Athīr ابن الأثير, no século XIII,[53] são alguns exemplos.

Com isso, é possível observar uma espécie de eixo ocidental do comércio pré-moderno da zibelina. Nesse eixo, originado nas florestas do noroeste europeu, viajantes e comerciantes rus aparecem como os principais fornecedores das peles para mercados ao oeste, nos reinos latinos e no sul, nos mercados mediterrâneos muçulmanos e bizantinos. O objetivo desse comércio rus parece ter sido, inicialmente, a obtenção de prata em troca das raras peles setentrionais, mas ele se formou em torno de uma rede de valores e significados já existente em torno dessas peles ao mesmo tempo que pode-se perceber uma valorização simbólica atribuída a esses bens, como nos casos do enterro do líder rus e dos presentes rus a imperadores bizantinos. O braço mais ao leste do comércio rus nos conecta novamente com o espaço das estepes e os nômades pastoralistas que as habitam e nelas construíram grandes confederações, entre outras coisas, ao redor de peles de zibelina.

Através das Estepes: Onde a zibelina constrói impérios.

Quando nos voltamos em direção ao leste, para o amplo espaço que pode ser compreendido como Eurásia Central, formado por grandes desertos ao sul, o cinturão de estepes no centro e as densas florestas da Sibéria ao norte, uma abordagem histórica muito própria precisa ser elaborada. Enquanto as fontes escritas se proliferam nos grandes centros urbanos e agrários sedentários ao redor do mundo, as populações dessas regiões,

[51] MACARTNEY, C.A. **The Magyars in the Ninth century.** Cambridge, 1930. *apud* DUCZKO, Wladyslaw. *Op Cit,* 2004. p. 32

[52] MAS'UDI. **From The Meadows of Gold.** Tradução: Paul Lunde e Caroline Stone. London: Penguin Books, 2007. p. 24

[53] IBN AL-ATHIR. **The Chronicle of Ibn al-Athir for the Crusading Period.** London: Routledge, 2008. p. 224.

em sua maioria altamente móveis, encontraram pouca utilidade para uma ampla produção textual que precisaria ser carregada consigo em suas migrações periódicas. É como ferramentas para superar essas barreiras que entram as propostas comparativas e conectivas da História Global apresentadas anteriormente e desenvolvidas nas discussões sobre as rotas antes da Rota da Seda e na análise da presença da zibelina no eixo rus.

O lastro material do uso da pele de zibelina nas estepes remonta, pelo menos, ao terceiro milênio a.C., e já nesse contexto ela parece ter sido caçada e beneficiada por artesãos habilidosos para ser comercializada em contatos inter-societários na zona de floresta-estepe Volga-Urálica.[54] Mas é a partir de meados do primeiro milênio a.C. que a zibelina começa a aparecer em grandes quantidades em enterros da cultura pazyryk no sul da Sibéria como adereços em roupas,[55] especialmente encontradas em túmulos que acredita-se pertencerem a indivíduos em posições de liderança.[56] O uso de grossas camadas de pelagens animais nas vestimentas é a regra nessa região de frio intenso, mas são principalmente as roupas mais sofisticadas que trazem pelagens de destaque como a zibelina.

Os grupos associados à cultura pazyryk parecem ter estado no início de uma rede de trocas de longa distância que partia da região de florestas e alcançava regiões do Mar Negro à China. Vestimentas produzidas e decoradas com pelagem de zibelina foram encontradas entre a cultura material cita no norte do Mar Negro em sítios que remontam ao mesmo período, e devido à não ocorrência natural da zibelina nessa região, as peles certamente vinham de regiões distantes ao norte, especialmente a zona de florestas-estepe nos arredores dos montes Urais, um dos principais habitats dessa espécie de marta.[57] É neste espaço ocupado pela confederação Cita que a sociedade rus se formaria quase um milênio e meio depois. De volta ao sul da sibéria, cabe retomar os espelhos de produção

[54] HANKS, Bryan K.; LINDUFF, Katheryn M. (ORGS.). **Social complexity in prehistoric Eurasia:** monuments, metals, and mobility. Cambridge: New York: Cambridge University Press, 2009. p. 308 - 309.
[55] LINDUFF, Katheryn M.; RUBINSON, Karen S. **Pazyryk Culture Up in the Altai**. 1. ed. London: Routledge, 2021, p. 29-30.
[56] STEPANOVA, E.; PANKOVA, S. Personal Appearance. *in:* SIMPSON, St John et al. (ORGS.). **Scythians**: warriors of ancient Siberia. New York: London: Thames & Hudson Inc, 2017, p. 92-124.
[57] GLEBA, Margarita; BERGHE, Ina Vanden; DARAGAN, Marina. Textiles, dyes and pigments of the European Scythians: preliminary analyses of materials from southern Ukraine. *in:* PANKOVA, Svetlana V.; SIMPSON, John (ORGS.). **Masters of the Steppe:** The Impact of the Scythians and Later Nomad Societies of Eurasia: Proceedings of a conference held at the British Museum, 27-29 October 2017. Oxford: Archaeopress Publishing Ltd, 2021. p. 162.; SPINDLER, Luke; GLEBA, Margarita; DARAGAN, Marina; COLLINS, Matthew. Testing Herodotus: leather species identification of Scythian quivers using new scientific methods. *in: Ibid*, p. 558.

cita em estilo grego encontrados na lá, mencionados por Khazanov,[58] como prováveis contrapartidas nessa rede de trocas. Entre a cultura material pazyryk, também é possível encontrar itens confeccionados com zibelina e seda[59] como seria o chapéu do líder rus cujo funeral Ibn Faḍlān observou em 922 d.C..

Um lastro textual contemporâneo a esses contextos é encontrado e analisado por Llwellyn-Jones na corte de Ciro, o Grande. Jones analisa os hábitos de vestimentas no império persa e articula autores como Heródoto, Xenofonte e Plutarco, elucidando uma tradição de oferta cerimonial de presentes pelos monarcas aquemênidas para cortesãos e visitantes na qual as **gaunaka*, uma vestimenta tradicional e luxuosa persa, figuravam frequentemente como presentes.[60] Enquanto Jones não menciona nominalmente a zibelina, essas vestimentas eram adornadas ricamente com pelos exóticos como de lince e não estaria fora do horizonte da possibilidade que zibelinas do norte distante fossem providenciadas para algumas. Além disso, Jones destaca a forte influência nômade na sociedade aquemênida, e identifica tanto nas vestimentas tradicionais dessa sociedade quanto na troca de presentes ritual elementos dessa influência.

Esse apontamento é ainda mais elucidativo para o presente trabalho que um possível uso de peles de zibelina na confecção das vestes, pois nos ajuda a compreender a natureza das trocas que compunham a rede que descrevemos até aqui. A influência estepária na tradição de trocas rituais de presentes apresentada por Jones é também estudada por Beckwith[61] ao discutir as relações profundas entre as duas sociedades. E descrições desses rituais em sociedades nômades também podem ser encontradas em documentos textuais de diversos contextos, talvez o exemplo mais notável seja o manto preto de zibelina que deu origem ao maior império em extensão territorial contígua da história entre os séculos XII e XIII.

No início da década de 1170, o líder do povo mongol Yesügei Bayatur 也速該把阿禿兒 morreu envenenado, deixando apenas filhos crianças como herdeiros. Seus seguidores, sem uma liderança centralizada, espalharam-se pelas estepes que hoje formam a Mongólia. Pouco mais de uma década depois, Temüjin (ou Tiēmùzhēn 帖木真

[58] KHAZANOV, Anatoly. *Op Cit*, 2015. p. 41.
[59] STEPANOVA, E; PANKOVA, S. *Op Cit*, 2017. p. 129.
[60] LLWELYN-JONES, Lloyd. The royal *gaunaka: dress, identity, status and ceremony in Achaemenid Iran. *in:* PANKOVA, Svetlana V.; SIMPSON, John (ORGS.). *Op Cit*, 2021. p. 248-257.
[61] BECKWITH, Christopher I. **The Scythian empire:** Central Eurasia and the birth of the classical age from Persia to China. Princeton: Princeton University Press, 2022.

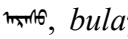
), filho de Yesügei, chegando à vida adulta, casou-se e recebeu como dote um manto preto de zibelina. Ao invés de mantê-lo para si ou entregar para sua mãe, a quem o presente havia sido direcionado, Temüjin se dirigiu To'oril Qan 脫斡鄰勒罕, o líder do povo kereit e antigo aliado de seu pai e lhe entregou o manto preto de zibelina falando:

> "como em dias pretéritos você e meu pai se declararam amigos juramentados, você é, de fato, como um pai para mim. Eu me casei e trouxe o dote de casamento para você". Ali então, ele lhe entregou o manto preto de zibelina [合剌 不剌罕 荅忽, *qara bulayan daqu*]. Ong Khan ficou muito satisfeito. Ele disse "Em troca do manto preto de zibelina / eu irei reunir seu povo para você / Seu povo dividido, / Em troca do manto de zibelina, / Eu irei unir para você / Seu povo espalhado. Assim como / O lugar dos rins tem que ser nas costas, / O lugar da boa fé precisa ser no peito. (Tradução nossa)[62]

Essa passagem está registrada na História Secreta dos Mongóis (忙豁侖紐察脫察安, *Mongγol-un niγuča tobčiyan*), o documento que narra a vida e as conquistas de Temüjin, que viria a ser conhecido como Chinggis Khan (Činggis Qa'an, ou 成吉思汗, Chéngjísī Hán) ao finalizar a unificação dos povos das estepes do leste asiático. O texto foi produzido nas décadas que seguiram a morte do imperador mongol, é o mais antigo texto escrito na língua mongol que conhecemos e uma janela sem comparação para o modo de vida nômade das estepes dos séculos XII e XIII e nos ajuda a elucidar como outras populações nômades também podem ter vivido e convivido entre si na pré-modernidade. Dinâmicas semelhantes são encontradas, por exemplo, entre os xiōngnú, que habitaram a mesma região cerca de 1500 anos antes da formação do Império Mongol. Christian descreve as complexas relações de comércio, extração tributária e trocas de presentes que compunham as políticas externa e interna dos *Chányú* 单于, os governantes desse povo.[63]

A oferta do manto preto de zibelina por Temüjin a To'oril sela não somente a aliança militar entre os dois para a unificação do povo mongol espalhado, mas também uma adoção simbólica e política do jovem por seu veterano. Esse mesmo manto preto de zibelina aparecerá novamente na narrativa em anos posteriores como símbolo da aliança

[62] THE SECRET History of the Mongols: A Mongolian Epic Chronicle of the Thirteenth Century. Tradução para o inglês de Igor de Rachewiltz, Versão Resumida por John C. Street, University of Wisconsin, 2015. p. 28.
[63] CHRISTIAN, David. **A History of Russia, Central Asia and Mongolia.** Volume I: Inner Eurasia from Prehistory to the Mongol Empire. Oxford Malden (Mass.): Blackwell, 1998. p. 187-195.

e da adoção. Essa adoção, envolta nos quentes pelos negros de zibelina, leva To'oril a considerar o futuro Chinggis Khan como sucessor no lugar do próprio filho em determinado momento. Em duas outras passagens, as peles de zibelina com que Jarči'udai 札兒赤兀歹 enrolou Temüjin ao nascer "como presente"[64] são símbolo de sua lealdade. Além disso, em diversas outras ocasiões ao longo da narrativa, vestes ou peles de zibelina (, *bulayan-u arasu*) aparecem como presentes oferecidos, tributos a serem coletados ou sinais de posição social. No contexto das conquistas mongóis, apesar dessa ampla presença da zibelina, é com os avanços em direção à Sibéria e aos Urais que grandes quantidades dessas peles começam a aparecer de fato.

O caminho em direção à Sibéria nos leva de volta ao relato de Ibn Faḍlān, aos búlgaros e khazares. O Kaghanato Khazar se formou em meados do século VII nas estepes ao norte dos mares Negro e Cáspio e manteve domínio da região, especialmente através do controle das rotas comerciais até meados do século IX. Foi através desse império e com a permissão de seus governantes que os comerciantes rus que atravessavam o continente conseguiam alcançar os mercados árabes e bizantinos por quase dois séculos. Um dos grupos mais proeminentes sob a égide khazar eram os búlgaros assentados na região do Médio Volga, que formaram um reino que ficou conhecido como Bulgária do Volga. Ao longo de sua viagem, Fadlān indica em diversas passagens a coleta de peles de zibelina como tributos dos governantes khazares e búlgaros e, nesse momento, os próprios búlgaros ainda pagavam tributos aos khazares na forma de peles de zibelina.[65]

Trocas rituais de presentes também orientaram as relações diplomáticas khazares com vizinhos árabes e bizantinos, entre as quais cabe destacar o dote de uma princesa enviada para casar com um governador árabe que levou consigo tendas montadas em carroças, supostamente, completamente forradas com peles de zibelina.[66] Na extremidade oposta da estepe no mesmo período, Yatsenko observa como presentes diplomáticos trocados entre as cortes Táng e Uyghur ditaram as modas entre as elites sedentária e

[64] THE SECRET, *Op Cit*, 2015. p. 29.
[65] KOESTLER, Arthur. **The thirteenth tribe: the Khazar Empire and its heritage**. 1. American ed ed. New York, NY: Random House, 1976. p. 12
[66] NOONAN, Thomas S. **The Islamic world, Russia and the Vikings 750-900 the numismatic evidence.** New York: Ashgate Publishing, 1998. p. 144.

nômade dos dois lados da fronteira, com caftans decorados com zibelina se tornado muito valiosos na China.[67]

No século X, "zibelinas e ovelhas" eram vistas como os principais produtos comerciais dos nômades das estepes pônticas.[68] Nas décadas que seguem a viagem de Ibn Faḍlān, o poder khazar diminui vertiginosamente, com constantes incursões de outros grupos nômades estepários desestabilizando seu poder e com o fortalecimento dos reinos rus e búlgaro mais ao norte agindo de forma cada vez mais independente. A partir daí, búlgaros, rus e subsequentes confederações nômades mais ao sul parecem ter dado continuidade ao "império comercial" khazar dos séculos anteriores até meados do século XIII.[69] O sistema descrito por Ibn Faḍlān se sustenta, relativamente estável dessa maneira até a conquista mongol, quando os reinos búlgaros, rus e kipchaks serão incorporados à superestrutura política concebida na oferta do manto preto de zibelina por Temüjin a To'oril Qan.

Quatrocentos e onze anos depois da viagem de Ibn Faḍlān ao Volga, outro viajante e jurista muçulmano visitou a região e relatou sua experiência lá. Shams al-Dīn Ibn Baṭṭūṭa شمس الدين ابن بطوطة acompanhou a comitiva de uma *qatun* 合敦 à corte mongol de Özbeg Khān أوزبك خان, o governante da Horda Dourada, a subdivisão do império de Chinggis Khan que se instalou na região. Entre suas observações, Ibn Baṭṭūṭa descreve o relato que ouviu das trocas realizadas "nas terras da escuridão" onde comerciantes trocavam seus bens por peles de zibelina, arminho e esquilos, descreve a raridade e valor das peles de arminho e zibelina, ainda que em suas notas o arminho seja mais valioso, e destaca os generosos presentes recebidos da *qatun* na forma de uma "grande coleção de cavalos, vestes e peles de esquilo e zibelina".[70]

O Reino do Meio na Fronteira: a China Táng veste rabo e pele de Zibelina.

Dentro do contexto sinítico, a zibelina habitava de modo significativo um espaço geográfico, político e imaginário fortemente associado aos nômades estepários ao norte

[67] YATSENKO, Sergey. Kostium [Vestimentas]. in: LITVINSKIĬ, B. A. (Orgs.). **Vostochnyĭ Turkestan v drevnosti i rannem srednevekov′e. Arkhitektura, iskusstvo, kostiûm.** Moskva: Vostochnaiâ lit-ra RAN, 2000. p. 367-369,

[68] SPINEI, Victor. **The Romanians and the Turkic Nomads North of the Danube Delta from the Tenth to the Mid-Thirteenth Century**. Leiden: BRILL, 2009. p. 232.

[69] GOLDEN, Peter B. **Khazar Studies: An historico-philological inquiry into the origins of the Khazars**. Budapest: Akad. Kiadó, 1980. p. 105-110; BALL, Warwick. **The Eurasian Steppe: People, Movement, Ideas**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2021. p. 235-239.

[70] IBN-BAṬṬŪṬA, Muḥammad Ibn-ʿAbdallāh. **The travels of Ibn Battuta, A.D. 1325-1354.** Volume 2 / Edited by H.A.R. Gibb. London New York: Routledge, 2016. p. 491-498.

da China. Na conjuntura política que seguiu a fragmentação da Dinastia Hàn 汉 (202 a.C. – 220 d.C.), que habitualmente combatera confederações nomádicas, a mais conhecida delas os xiōngnú, o território imperial foi eventualmente dividido em porções norte e sul demarcadas pela ocupação e domínio setentrional de dinastias etnicamente não Hàn. O norte da China, longe de ser etnicamente homogêneo em períodos anteriores, tornou-se a partir do século IV um laboratório de experiências políticas híbridas nomádicas e siníticas. A eventual reunificação da China com a Dinastia Suí 隋 (581-618) e sua queda com a ascensão da longeva Dinastia Táng 唐 (618-907) não pode ser destacada do cenário híbrido do norte da China. As dinastias unificadoras tinham origem no norte, se não etnicamente turco-mongol por parentesco, certamente envoltas no ambiente cultural nômade[71].

Apesar do lugar-comum na afirmação da diferença radical entre as populações nômades das estepes e o modo de vida sedentário da China, o período Táng demonstra como as relações históricas entre estes dois mundos era muito mais difusa, variada e ambígua que se poderia supor. Jonathan Skaff nota como a fronteira, antes de ser um marcador rígido da diferença, era uma região de transição vivida por experiências híbridas e múltiplas do contato multicultural.[72] Em termos econômicos, Skaff destaca como dentro do território chinês havia prefeituras de 1) perfil pastoril, onde predomina a caça e pecuária, 2) agrícola, de grande importância da agricultura intensiva e da tecelagem, e 3) aquelas de um regime misto agro-pastoril[73]. O espaço estudado por este historiador não compreende somente o contorno da fronteira, mas o entorno da própria capital imperial Cháng'ān 长安.[74] Esta fronteira extensa em latitude e culturalmente amorfa trazia a própria cultura política da dinastia chinesa para diálogos em uma gramática do poder estepário. Deste modo, imperadores entravam em relações pessoais com lideranças turco-

[71] TWITCHETT, Denis. Introduction. In: _____ (ed.). **The Cambridge History of China, vol. 3: Sui and T'ang China, 589–906 AD, Part 1**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007, pp.4-6; WECHSLER, Howard J. The founding of the T'ang dynasty: Kao-tsu (reign 618-26). In: TWITCHETT, Denis (ed.). **The Cambridge History of China, vol. 3: Sui and T'ang China, 589–906 AD, Part 1**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007, pp.150-151; ABRAMSON, Marc S. **Ethnic Identity in Tang China**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2008, pp.x-xi; LEWIS, Mark E. **China's Cosmopolitan Empire: The Tang Dynasty**. Cambridge: Harvard University Press, 2009, p.31

[72] SKAFF, Jonathan Karam. Survival in the Frontier Zone: Comparative Perspectives on Identity and Political Allegiance in China's Inner Asian Borderlands during the Sui-Tang Dynastic Transition (617-630). **Journal of World History**, V.15, n.2, 2004, pp.117-119

[73] SKAFF, Jonathan Karam. **Sui-Tang China and Its Turko-Mongol Neighbors: Culture, Power, and Connections, 580–800**. Oxford: Oxford University Press, 2012, p.27

[74] *Ibid*, p.30

mongólicas estepárias sobre as quais assumia títulos de origem estepária (*Tängri Qayan*, ou Qagan Celestial), incorporavam elementos nomádicos em ritos diplomáticos (como a vestimenta *kùzhě* 袴褶) e os próprios líderes de confederações enquanto parentescos fictícios (pactos de sangue). A relação entre chineses e nômades, portanto, não era somente uma questão de hostilidade pela proximidade geográfica, como também de afinidades em culturas políticas. Entre estas tensões, a circulação de pele adquiria sentidos particulares na China.

Ainda que houvesse uma série de origens para, de modo genérico, carcaças de animais, desde peles de leopardo do subcontinente indiano, peles de tubarão do mar do sul da China, peles de cervos da região do Rio *Yángzǐ* 揚子江, um polo importante de caça na atual *Gānsù* 甘肃, " peles importadas tinham uma origem setentrional, ainda que algumas viessem do Extremo Ocidente; todas estavam imbuídas do gosto da barbárie".[75] A zibelina (*diāo* 貂) era uma destas peles de origem setentrional. Ela aparece em fontes chinesas geralmente relacionadas às relações com os vizinhos nomádicos.

Um compêndio administrativo enciclopédico, o *Tōngdiǎn* foi escrito e compilado por Dù Yòu 杜佑 (735-812), um burocrata chinês de carreira extensa e importante, atuando como Ministro-Chefe de três imperadores – Dézōng 德宗 (779-805), Shùnzōng 順宗 (805), e Xiànzōng 憲宗 (805-820) – até sua morte. Dù Yòu apresentou os 200 capítulos de sua obra à corte imperial em 801, com complementos posteriores, uma reunião de informações variadas de fontes secundárias e autorais.[76] Os 15 capítulos finais compõem a seção de "Defesa de Fronteira" *Biānfáng* 邊防. Nestes, a demarcação geográfica da zibelina tem orientação clara. As peles do animal são de origem da caça por populações nômades ao norte do império. Referência à presença geográfica da zibelina, deste modo, são bem distribuídas, desde ao norte da Península Coreana até o norte das montanhas Pamir, um longo arco transversal. O *Tōngdiǎn* também traz informações de um período de tempo largo, desde o período de Hàn Oriental (25–220 d.C.) até o período contemporâneo da dinastia Táng.

[75] "In the main, however, imported furs had a northern origin, though some came from the Far West; all were imbued with the flavor of the barbaric". SCHAFER, Edward. **The Golden Peaches of Samarkand: a study of T'ang exotics**. Berkeley: University of California Press, 1963, p.106)

[76] GRAFF, David. Tong Dian 通典. In: BERKOWITZ, Alan J. *et al.* **Early Medieval Chinese Texts.: A Bibliographical Guide**. Berkeley: Institute of Asian Studies, 2015, pp.355-358

Dù Yòu traz a zibelina como animal predado como resultado do modo de vida das populações nômades em notas proto-etnográficas sobre grupos particulares. Em suas descrições mais detalhadas nos capítulos, o *Tōngdiǎn* traz informações sobre localização em relação a marcos geográficos e outros grupos e confederações, da área que ocupam e sua população, o tipo de relação que mantiveram ou mantêm com a China, seus costumes e sua atividade econômica. Um dos exemplos mais sintéticos é a descrição dos Jiānkūn 堅昆: "Os Jiānkūn eram conhecidos durante a Dinastia Wei (r.386-535). Estão localizados a noroeste de Kāngjū, com uma força militar de 30,000 soldados. Eles criam gado onde encontram água e grama. Eles têm muitas zibelinas, e também têm cavalos de qualidade".[77] Entre as populações das quais Dù Yòu discorre em sua enciclopédia, pelo menos 16 são associadas explicitamente com a zibelina.[78] Nestas, a pele é mencionada como peça de vestimenta das populações da estepe e como artigos de circulação, seja enquanto taxação[79] ou tributo.

O "tributo" não deve ser tomado como um termo genérico para taxação. Dentro da sinologia, é um conceito carregado de peso histórico e controvérsia. Sistematizado de modo mais contundente por John K. Fairbank, o sistema de tributos é proposto como o mecanismo trans-histórico de relações internacionais do Império Chinês. Fairbank propõe que desde um passado antigo e pelo repertório deste período, relevante durante os milênios de China Imperial, um modo tradicional de relação com estrangeiros se estabeleceu como norma regido por uma hierarquia clara: a China, como o Reino do Meio regido pelo Filho do Céu, governante de tudo Sob o Céu e detentor do Mandato Celeste, encontra-se em uma posição de superioridade que demanda reconhecimento como monarca universal dos povos bárbaros, aqueles fora da influência transformadora da civilização chinesa, mas atraídos por ela.[80] O veículo do sistema de tributos seria

[77] Du You 杜佑, ***Tōngdiǎn*** 通典 [publicado em 801], Chinese Text Project, volume 193, "Jiankun" 堅昆. Disponível em: https://ctext.org/dictionary.pl?if=en&id=565086#sid8160

[78] São os Fūyú 夫餘, Dōngwòjū 東沃沮, Yìlóu 挹婁, Wùjí 勿吉, Yǎn Cài 奄蔡, Huá Guó 滑國, Tiānzhú 天竺, Jiānkūn 堅昆, Hūdé 呼得, Xiānbēi 鮮卑, Dūbō 都波, Yú Guó 俞國, Shìwéi 室韋, Jiégǔ 結骨, Bómǎ 駮馬, Yánmò 鹽漠. Em outro texto importante do período, *Yìwén Lèijù* 藝文類聚, sob o capítulo 95 das Bestas Inferiores, comenta-se sobre esta difusão geográfica da origem da zibelina mencionando a província de Liáodōng e o povo Wūhuán 烏桓.

[79] Segundo o *Tōngdiǎn*, os *Bómǎ* e *Yánmò* pagavam seus chefes com peles em forma de taxação. Os *Dōngwòjū* pagavam impostos ao reino de Koguryŏ suprindo-o de peles de zibelina, tecidos, peixes, sal e outros frutos do mar.

[80] FAIRBANK, John King. Tributary Trade and China's Relations with the West. **The Far Eastern Quarterly**, 1942, V. 1, n. 2, pp.129-149

justamente as embaixadas de reinos estrangeiros que levavam consigo tributos como sinal de seu reconhecimento da superioridade chinesa. Como nota Fairbank, o tributo não representava uma troca de valor econômico equivalente, as benesses chinesas nesta relação recíproca e desigual – presentes e a possibilidade de comércio – eram mais favoráveis para o tributário. O tributo era composto de produtos únicos da terra do tributário que não fossem nativos também do território chinês. Seu valor seria, portanto, simbólico, diplomático e político.[81] Ainda que o "sistema de tributo" como conceito fosse criticado pelos sinologistas de uma geração posterior,[82] a sua formulação ainda permanece importante. James Hevia, para a dinastia Qīng 清 (1644-1912), realizou um rearranjo do "sistema de tributo" que levasse em conta a importância cosmológica do tributo em seu papel ritualístico. O tributo, enquanto produto único resultado do trabalho humano, seja artesanal, agrícola ou da caça, agiria como extensão territorial da ordem natural chinesa ao integrar territórios a esta por meio deste processo ritualístico.[83]

Deste modo, quando o *Tōngdiǎn* menciona que os *Yìlóu* voltaram a pagar o tributo durante o período dos Três Reinos (220–280 d.C.) em flechas, arcos, armaduras, peles de zibelina; ou quando os Yǎn Cài, que pagaram tributos para a Dinastia Zhou, Hàn e Wei do Norte; ou quando os Huá Guó, derrotados pela Dinastia Han e administrados por um oficial apontado pela corte, voltaram a pagar tributos para o Imperador Wǔ 武 de Liáng (r.502-549) com brocados persas, leões dourados (*huángshīzǐ* 黃師子) e peles de zibelina branca; ou os Dūbō, que vestiam zibelina, prestaram tributo ao Imperador Tàizōng 唐太宗 (r.626-649) em 647, o texto aponta para um tipo de relação mais amplo do que a troca de presentes entre a China e seus vizinhos ao norte. Skaff comenta mais instâncias da troca de peles de zibelina no período Táng.[84] Na perspectiva chinesa, a zibelina como tributo tinha como sentido incluir estes povos dentro da cosmologia chinesa.

[81] Ibid, pp.134-139
[82] HEVIA, James L. Tribute, Asymmetry, and Imperial Formations Rethinking Relations of Power in East Asia. **The Journal of American-East Asian Relations**, 2009, Vol. 16, nº 12, pp. 72-74; PURDUE, Peter C. The Tenacious Tributary System. **Journal of Contemporary China**, V.24, n.96, 2015, pp.1002-1014. Para uma retomada da discussão em língua portuguesa ver: SEKIKAWA, Matheus Mazurkievicz. The Last Embassy. Tonio Andrade. **Revista Diálogos Mediterrânicos**, n. 26, p. 134–140, 2025
[83] HEVIA, James L. **Cherishing Men From Afar: Qing Guest Ritual and the Macartney Embassy of 1793**. Durham; London: Duke University Press, 1995, pp.128-130
[84] SKAFF, Jonathan Karam. **Sui-Tang China and Its Turko-Mongol Neighbors: Culture, Power, and Connections, 580–800**. Oxford: Oxford University Press, 2012, pp.219, 223, 248

Mas não era só como tributo que vivia a pele de zibelina. Na história chinesa, a zibelina era um marcador de distinção social e da inserção de um indivíduo dentro da burocracia imperial desde a dinastia Qín. Era comumente acompanhada de cigarras douradas (金蟬, *jīnchán*) ou outros ornamentos dourados em barretes *wǔguān* 武冠 utilizados por oficiais militares de patente elevada em funções consultivas. Dù Yòu comenta que o Imperador Qín Shǐhuáng 秦始皇 (r.221-210 a.C.) cedeu aos seus ministros mais próximos o adereço do Governante de Zhao que "imitava roupas bárbaras (胡), e sua cabeça era adornada com ornamentos dourados com um rabo de zibelina no fronte como marca de alta distinção"[85] e que durante a dinastia Hàn, os oficiais Shìzhōng 侍中 e Chángshì 常侍 vestiam barretes cerimoniais com rabos de zibelina na esquerda e na direita, respectivamente.[86] Oficiais de função similares continuaram a usar esses adereços durante a dinastia Jìn,[87] Wei[88] e Suí.[89] O *wǔguān* continuou a ser usado durante a dinastia Táng por todos os oficiais militares de nono grau e superiores.[90] A explicação da escolhas da zibelina como símbolo repete-se no *Tōngdiǎn*[91] e no *Yìwén Lèijù*[92], a pele faz alusão à gentileza externa e ferocidade interior.

Considerações Finais.

Quando acompanhamos o trajeto histórico e documental das peles de zibelina, seja na forma de peles brutas coletadas como tributos para serem processadas ou vestimentas de luxo que moldam o rumo de impérios, fica evidente a centralidade desses

[85]Du You 杜佑, *op. cit*. Chinese Text Project, volume 57, "Jiànhuá Guān" 建華冠. Disponível em: https://ctext.org/dictionary.pl?if=en&id=555208#sid5460

[86]*Ibid.* Chinese Text Project, volume 21, "Zǎi xiàng" 宰相. Disponível em: https://ctext.org/dictionary.pl?if=en&id=553252#sid8060; *Ibid*. Chinese Text Project, volume 57, "Jiànhuá Guān" 建華冠. Disponível em: https://ctext.org/dictionary.pl?if=en&id=555209#sid5600

[87] *Ibid*. Chinese Text Project, volume 21, "Zǎi xiàng" 宰相. Disponível em: https://ctext.org/dictionary.pl?if=en&id=553256#sid12700

[88] *Ibid*. Chinese Text Project, volume 22, "Lì dài Shàngshū" 歷代尚書. Disponível em: https://ctext.org/dictionary.pl?if=en&id=553291#sid9520

[89] *Ibid*. Chinese Text Project, volume 57, "Jiànhuá Guān" 建華冠. Disponível em: https://ctext.org/dictionary.pl?if=en&id=555216#sid6000

[90] *Ibid*. Chinese Text Project, volume 57, "Jiànhuá Guān" 建華冠. Disponível em: https://ctext.org/dictionary.pl?if=en&id=555217#sid6080

[91] *Ibid*. Chinese Text Project, volume 21, "Zǎi xiàng" 宰相. Disponível em: https://ctext.org/dictionary.pl?if=en&id=553252#sid8060; *Ibid*. Chinese Text Project, volume 21, "Zǎi xiàng" 宰相. Disponível em: https://ctext.org/dictionary.pl?if=en&id=555209#sid5600

[92] Ōuyáng Xún 歐陽詢, **Yìwén Lèijù** 藝文類聚 [publicado originalmente em 624], Chinese Text Project, volume 48, "Zhí guān bù sì" 職官部四. Disponível em: https://ctext.org/dictionary.pl?if=en&id=545038#sid4000; *Ibid*, volume 67, "Yīguān bù" 衣冠部. Disponível em: https://ctext.org/dictionary.pl?if=en&id=546863#sid520

produtos em uma série de redes de contato e trocas de longa distância de impressionante antiguidade. Com raízes no sul da Sibéria, no coração do continente Eurasiático, essa rede se ramificava, através das estepes, dos rios e dos mares continentais até mercados distantes, formando um mundo conectado.

Os primeiros atores neste sistema eram os caçadores e coletores nativos das regiões de floresta setentrional onde a zibelina pode, até hoje, ser encontrada. Já em suas primeiras aparições, a zibelina denota uma distinção social, perceptível, por exemplo, nas técnicas cuidadosas utilizadas por seus extratores e pelo refino das peças em que ela pode ser encontrada. Em tempos remotos, as peles extraídas parecem ter sido distribuídas através do continente por longas redes fragmentadas em pequenos trajetos, sob o sistema de trocas em cadeia descrito por autores como Honeychurch e Christian. Essa cadeia, de forma alguma, deve ser percebida como uma sequência linear, mas alguns atores se destacam nesse processo de distribuição, como os habitantes das estepes nos contextos cita e xiōngnú e os suíones descritos por Jordanes. Entre os destinos dessas redes estavam os grandes impérios sedentários mediterrânicos e chineses, onde as peles e vestimentas confeccionadas com elas eram recebidas como bens de luxo e sinalizadores de prestígio social.

Assim, a variedade das fontes trazidas decorre da amplitude do fenômeno do comércio de peles. O primeiro deles, geográfico, corresponde a sua dispersão tanto latitudinal quanto longitudinal, com referências da Manchúria à Inglaterra, da Sibéria à Constantinopla. Outro temporal, em que tanto Heródoto quanto Ibn Baṭṭūṭa se revelam como informantes relevantes. A coleção de fontes primárias realizada aponta para a relevância da textualidade na apreensão do passado de uma história material. Referências dispersas revelam anedotas, mas postas em relação revelam padrões de circulação: peles vindas de regiões setentrionais, cuja mediação realizada por populações nômades torna-se um padrão histórico da circulação de uma série de objetos. Também importante é que as peles setentrionais, das quais a zibelina elegemos como guia da análise, são exotizadas e incorporadas em muitos dos casos retomados aqui. Uma hipótese analítica que decorre do choque entre essa documentação e o aporte teórico colocado no início deste texto, é a perceção de que não é o valor monetário associado à zibelina que gera tamanha circulação e conectividade ao redor dela, mas sim o prestígio cultural, social e político imbuído nos usuários dessas peles, na forma de roupas, mantos, elmos ou tendas inteiras forradas com

elas. Alguns dos geógrafos muçulmanos que relataram as redes tributárias khazares e búlgaras até descreveram numericamente o preço de cada pele, mas é impossível mensurar nesses termos o valor do chapéu de marta de Dólon oferecido por Odisseu a Atena, da aliança a um kaghan khazar materializada em tendas forradas com zibelina como dote; da proteção de uma *qatun* mongol a Ibn Baṭṭūṭa, simbolizada no presente de vestes de zibelina; o tributo oferecido pelos Dūbō ao Imperador Tàizōng; ou de todo o Império Mongol, cujo primeiro passo formativo foi a aliança/adoção de Temüjin e To'oril Qan, concretizada no presente do manto preto de zibelina.

Os motivos para esse prestígio – pode parecer, em um primeiro momento – seriam a raridade e a exoticididade desses produtos, mas a trajetória da zibelina que acompanhamos até aqui esboça um cenário muito mais complexo. O destaque associado à zibelina começa já na zona de floresta-estepe siberio-urálica nos séculos a.C., quando um sistema de valor simbólico é construído em torno desses bens. Ao evocarmos novamente Appadurai e Kopytoff, lembramos que esse valor é resultado das trajetórias que ela percorre e dos regimes de valor que atravessa. A "biografia" da zibelina é, nos termos de Kopytoff, feita de sucessivas classificações e reclassificações: para Ibn Faḍlān, ela é mercadoria intercambiável; entre os mongóis, ela pode ser retirada da esfera da troca e singularizada como penhor de uma aliança e de uma adoção; na burocracia chinesa, torna-se insígnia de distinção. Essas reclassificações nos devolvem ao debate sobre centros e periferias com que abrimos este texto. Se, como propõem Chase-Dunn e Hall, não se deve presumir que o "menos desenvolvido" seja necessariamente subordinado ao "mais desenvolvido", a zibelina oferece um ótimo estudo de caso. Os impérios sedentários dependiam, para a produção de suas próprias hierarquias, de um bem cujo valor era primeiro definido nas florestas setentrionais e nas estepes, isto é, em espaços que poderíamos facilmente considerar como periferia.

Assim como outros sistemas de valor descritos por Shelach-Lavi, Khazanov e Honeychurch, este também se espalha pelos arredores, transforma-se e se reproduz ao longo de contatos intersocietários que seguem vias de mão dupla. A zibelina não é o único agente em um sistema de valores isolado de outras rede de contato, ela não chama a atenção como objeto de análise por sua especificidade ou singularidade, mas justamente por fazer parte de algo maior: os espelhos citas, as cerâmicas gregas, os bronzes Shāng, a cera de abelha rus, e a própria tradição escrita chinesa; todos permeiam, em suas

respectivas medidas, contextos e limites, essa longa rede de contatos, trocas e circulação de bens, pessoas e ideias, entre os quais escolhemos observar a zibelina e os valores construídos ao redor dela.